

Sarney quer até o fim do ano o programa de desestatização

**BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO**

"Existe um grupo de trabalho atuando intensamente neste sentido. Existem já muitas sugestões, e esta é uma iniciativa na qual estou pessoalmente empenhado, para que a idéia deslanche ainda este ano", afirmou ontem o presidente José Sarney ao ser interrogado sobre o programa de privatização de empresas estatais no seu governo.

Sarney, no lançamento de seu livro "10 Contos Escolhidos", ontem à noite, no Salão Azul do Hotel Nacional de Brasília, não só confirmou a "deflagração" do programa de privatização das estatais como considerou que o País apresenta hoje condições econômicas favoráveis para o desenvolvimento de tal iniciativa, uma vez que o mercado mobiliário dá sinais de vigor, e a economia como um todo vem reagindo de forma satisfatória.

O ministro-chefe do Gabinete Civil da Presidência da República, José Hugo Castelo Branco, disse que a retomada do crescimento econômico do País permite que o Estado se afaste dos setores produtivos onde o empresariado privado tem condições e capacidade de ocupar os espaços. "Há clima político e econômico para o desenvolvimento de um intenso programa de privatização de empresas em mãos do Estado. Esta é a

mensagem certa, na hora certa", disse José Hugo.

O programa de privatização das estatais do presidente Sarney é ainda mais ambicioso do que o desenvolvido no governo passado pelo general João Figueiredo, pois pretende reduzir de 60 para 30% a presença do Estado na economia. Vai constituir-se, ainda, num instrumento de redução das taxas de inflação, reduzindo de maneira sensível os lançamentos de títulos do governo no mercado financeiro, que hoje pressionam as taxas de juros, e as alocações de recursos do Tesouro para cobrir os déficits das estatais em dificuldades financeiras permanentes.

Ontem, ao deixar o gabinete do ministro-chefe do Serviço Nacional de Informações (SNI), general Ivan de Souza Mendes, o empresário Israel Klabin, do grupo Klabin, que no governo Figueiredo assumiu o controle acionário da Riocel, então em mãos do Estado e em processo falimentar, afirmou que "a chave da doutrina econômica da Nova República será a forma pela qual será feita a desestatização da economia. O grande problema da desestatização se constitui na fixação do valor da venda do patrimônio da empresa, que deve ser o valor de mercado e não o valor que o governo quer lhe atribuir". Israel Klabin também concordou com a tese de que a atual conjuntura econômica do País é favorável à privatização das estatais.